



RNEWS



Revista **Rural**

A revista do setor

RICARDO
RETTMANN,
PRODUTOR E
PROPRIETÁRIO DA
QUEIJARIA RIMA



**UM QUEIJO
DE PRIMEIRA
FEITO COM LEITE DE**

OVELHA

*Criador aposta em raça francesa para produzir
vários tipos de queijo e outros produtos lácteos*



AGRO LAMENTA PERDA DE JORGE MATSUDA

MORGAN

GENÉTICA DE RESULTADOS,
HÍBRIDOS CAMPEÕES



MORGAN[®]

INVISTA NA EFICIÊNCIA



Irrigadas, frutas
de clima
temperado vão
bem no Nordeste
brasileiro

13



Primeira uva “gourmet”
produzida no Brasil ganha
mercado internacional

42



Estudo comprova que
eucalipto cresce mais,
se plantado em
sistema de ILPF

50

Revista Rural é uma publicação mensal da Criação Assessoria Comunicação e Comércio Ltda - Rua Acuruá nº 547 - Vila Ipojuca - São Paulo/SP - CEP 05053-000 - PABX 11 3022-4260 www.revistarural.com.br • **Diretor de Redação:** Flávio Albim (flavio@revistarural.com.br) **Repórter:** Bruno Zanholo (bruno.zanholo@revistarural.com.br) Tel: 11 94369-6680 **Imagens:** Davi Canto (davi.canto@revistarural.com.br) Tel: 11 97279-1038 • **Diretor de Conteúdo Digital:** Vitor Albim (vitor.albim@revistarural.com.br) Tel: 11 98816-9765 • **Diretora Comercial:** Ana Carolina Domingues Albim (carol@revistarural.com.br) • **Edição digital:** disponível gratuitamente na Apple Appstore, Google Play e Amazon ou leia nossa edição online em <http://www.revistarural.com.br/>. **Siga Revista Rural no Facebook** (www.facebook.com/revistarural).

ANO XXII • Nº 260
Fevereiro/2020

COMO PODEMOS ALIMENTAR MAIS PESSOAS USANDO A MESMA ÁREA DE PLANTIO?

Sementes que garantem um bom cultivo.
Tecnologias que contribuem para a produtividade
no campo. Informações que ajudam nas decisões
para a próxima colheita. Contamos com os
agricultores para alimentar o mundo, e eles podem
contar com a gente. Saiba mais em Corteva.com.br

CONTINUE CRESCENDO.





© 2019 Corteva Agriscience. All rights reserved. Corteva Agriscience is a registered trademark of Corteva Agriscience. DuPont and Pioneer are trademarks of DuPont and Pioneer respectively.

ATUALIZADAS AS REGRAS PARA O CONTROLE DA BRUCELOSE E TUBERCULOSE EM SÃO PAULO

A Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo iniciou no final de janeiro a implantação das ações relacionadas ao controle da Brucelose e Tuberculose no sistema informatizado Gestão de Defesa Animal e Vegetal (Gedave). A partir de primeiro de abril 100 por cento da funcionalidade do sistema para brucelose e tuberculose estará disponível para o produtor rural fazer toda a movimentação.

Ao acessar o sistema, o produtor poderá cadastrar e acompanhar a parte sanitária do seu rebanho e emitir a guia de trânsito animal (GTA) com a finalidade de reprodução e para eventos de concentração de animais, quando se faz necessário o exame negativo de brucelose e tuberculose. Até então para estas finalidades a guia era emitida pela Coordenadoria de Defesa Agropecuária. “O objetivo é dar mais agilidade para o produtor”, disse o médico veterinário da Secretaria, que junto à Coordenadoria responde pelo Programa Estadual de Controle e Erradicação da Brucelose e Tuberculose (PECEBT), Klaus Saldanha Hellwig. A emissão de GTA para

trânsito de bovinos ou bubalinos, qualquer que seja a finalidade, é condicionada à comprovação de vacinação obrigatória de todas as fêmeas na faixa etária de três a oito meses contra a brucelose, no estabelecimento de criação de origem dos animais. A vacinação deverá ser executada por um profissional médico veterinário cadastrado na Defesa Agropecuária, por ser uma vacina viva, que pode infectar o manipulador. Para a participação em eventos de concentração de animais e também os destinados a reprodução é obrigatório o atestado com resultado negativo para brucelose e para tuberculose. Os atestados de exames negativos são válidos por sessenta dias, a contar da data da colheita de sangue para diagnóstico de brucelose e da inoculação para diagnóstico de tuberculose.

Para o diagnóstico, o produtor com interesse em trânsito ou mesmo para fazer a manutenção sem as doenças na sua propriedade deve entrar em contato com um médico veterinário particular habilitado de sua confiança e reconhecido pela Coordenadoria, que realiza o exame de brucelose e tuberculose. Esse profissional irá realizar os exames e inserir os resultados no sistema. O produtor acessa o mesmo sistema Gedave e terá mais flexibilidade para escolher qual animal vai ser transportado e emitir a GTA. Diante de um diagnóstico positivo o habilitado notifica o serviço oficial de defesa para serem tomadas as medidas preconizadas. A identificação do animal positivo é fundamental para evitar a infecção de outros animais e por serem zoonoses não colocar em risco a saúde humana.



PROMOÇÃO

FORÇA NO

CAMPO

 bradesco

*Visite nosso estande
na Coopavel.*

Acesse
banco.bradesco/promocaoagro





ALGODÃO BAIANO AVANÇA NO CUMPRIMENTO DOS CRITÉRIOS DE SUSTENTABILIDADE

Além de atingir a sua segunda maior safra da história, o algodão produzido na Bahia também avançou no cumprimento dos rígidos critérios de sustentabilidade mundiais. Foram certificadas como sustentável 77,7% da área plantada da fibra na Bahia pela entidade suíça Better Cotton Initiative (BCI) que atua em conjunto com o programa Algodão Brasileiro Responsável (ABR), desenvolvido localmente pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa). O programa certificou ao longo da safra 2018/2019 uma área total de 247.840 mil hectares, garantindo um crescimento de 29,4% da área de algodão que vem cumprindo à risca a legislação ambiental e adotando critérios de sustentabilidade dentro e fora das propriedades. Desde quando foi iniciado o programa, em 2011, a área classificada como sustentável saiu de 21,1% para os atuais 77,7% no Oeste da Bahia.

Segundo o presidente da Abapa, Júlio César Busato, estes resultados demonstram o quanto os cotonicultores baianos estão no mesmo patamar de excelência de outros grandes produtores como Austrália e Estados Unidos. “Além de investir tecnicamente nas melhores soluções de plantio, colheita, monitoramento de pragas e beneficiamento da fibra, os produtores baianos também investem em boas práticas sociais e ambien-

tais e vem sendo reconhecidos internacionalmente pelo mercado com a chancela desta certificação”, afirma. Durante o trabalho de auditoria externa, são checados um total de 225 itens com parâmetros de sustentabilidade internacionais, ligado ao respeito dos trabalhadores no campo, a exemplo do cumprimento de normas de saúde e segurança; e da legislação trabalhista e de preservação de meio ambiente

O programa ABR tem como alicerce o incremento progressivo das boas práticas sociais, ambientais e econômicas nas unidades produtivas de algodão na Bahia e em todo o Brasil, por meio das entidades ligadas à Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa). Segundo maior produtor de algodão do Brasil, na safra 2018/2019, foram colhidos 1,5 milhão de toneladas (caroço e pluma). Os agricultores iniciaram em dezembro o plantio da nova safra 2019/2020 que deverá se manter no mesmo patamar da última safra, com a uma área total prevista de 301.070 hectares. Cerca de 40% do algodão baiano é exportado para países asiáticos, como Indonésia, Bangladesh e Vietnã, e 60% é comercializado para as indústrias têxteis no Brasil. A Bahia contribui com a participação de 25% da safra nacional, sendo considerada a área agrícola com a maior produtividade de algodão não irrigado do mundo.

CHEGOU CALARIS[®]

A EVOLUÇÃO DAS ATRAZINAS.



**AMPLA
ESPECTRO**



**MENOR
DOSAGEM**



**3 X MENOS
EMBALAGEM**



Calaris[®]

syngenta[®]

Para restrição de uso nos estados, consulte a bula.
Informe-se sobre e realize o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso a saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.portalsyngenta.com.br

BOAS PRÁTICAS DE MANEJO MELHORAM ÍNDICES REPRODUTIVOS DO REBANHO LEITEIRO

Bem-estar animal, nutrição adequada e cuidados com a saúde são fatores que interferem nos resultados reprodutivos do rebanho leiteiro e, conseqüentemente, impactam na produção de leite e nos lucros do produtor. Para o produtor melhorar os índices do rebanho, o veterinário Marco Aurélio Bergamaschi, da Embrapa Pecuária Sudeste, recomenda a adoção de boas práticas de manejo focadas em bem-estar, alimentação balanceada e sanidade animal. Para ele, a reprodução só ocorre quando todas as necessidades forem satisfeitas.

Conforme Bergamaschi, o ideal é que aos 24 meses de idade a fêmea tenha o primeiro parto. A reprodução das vacas precisa ser regular, buscando intervalo entre partos de 12 meses. Para o pecuarista otimizar os lucros é importante também que a lactação se mantenha por 10 meses.

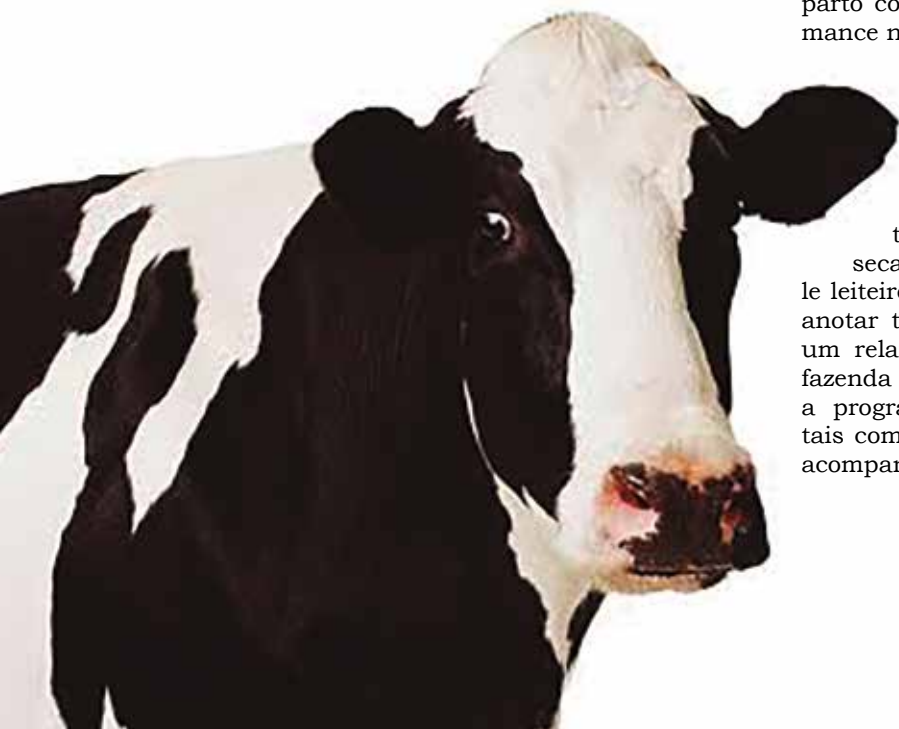
Em relação à saúde, o produtor precisa de um plano de prevenção de doenças por meio de vacinação. Segundo ele, essa estratégia também deve abranger as doenças reprodutivas, principalmente brucelose e leptospirose. No caso do bem-estar deve-se garantir uma convivência harmoniosa entre homem e animal. “Bater e gritar é inconcebível em um sistema de produção”, ressalta. O rebanho também necessita ter à disposição sombra,

água de qualidade e em quantidade suficiente, local de descanso e corredores livres de sujeira, buracos, pedras e tocos. “Se um animal passa por estresse térmico, a perda pode ser entre 20 e 30% tanto na reprodução, como na produção de leite, dependendo do grau de estresse a que foi submetido”, conta o veterinário. A falta ou excesso de nutrientes pode causar prejuízos sérios aos animais. Por isso, uma dieta balanceada de acordo com as necessidades nutricionais de cada estágio é fundamental.

O acasalamento pode ocorrer por monta natural ou inseminação artificial (IA), dependendo do nível tecnológico adotado pelo pecuarista. Quando é realizada a IA, o trabalho de identificação do cio é feito pelo homem. Dessa forma, o profissional deve ser capacitado e atento para identificar os sinais. A grande vantagem de um sistema de produção de leite é que os animais em lactação são manejados pelo menos duas vezes ao dia, no momento da ordenha. Nesse período, principalmente, o produtor deve ficar alerta para identificação do cio.

Em um manejo eficiente, faltando 30 dias para o parto, a vaca deve ser colocada em piquete separado, chamado de maternidade, com disponibilidade de pasto, sombra e água. As boas condições corporais antes do parto contribuem para uma melhor performance no pós-parto. A atenção com a nutrição e sanidade é importante para garantir o futuro reprodutivo do animal.

Bergamaschi chama atenção para o gerenciamento das informações relativas ao rebanho (datas de nascimento, acasalamento, secagem e parição, pesagens e controle leiteiro). De acordo com ele, é importante anotar todos os eventos ocorridos. Manter um relatório completo de cada animal da fazenda é recomendável para estabelecer a programação dos manejos necessários, tais como, secagem, vacinações pré-parto e acompanhamento da parição.



FORSEED
PARA ACERTAR NA SEMENTE
TEM QUE SER ESPECÍFICO



forseedsementes.com.br



FORSEED

Certo é ser específico





FRUTICULTURA

“Perinha tropical”

Com irrigação e utilizando a variedade certa, produtores do Vale do São Francisco estão produzindo frutas de clima temperado com excelentes resultados.



No mês de janeiro, cerca de uma tonelada de pera produzida no Projeto Público de Irrigação Nilo Coelho, em Petrolina (PE), no Submédio São Francisco, foi enviada para o município de Farroupilha, na Serra Gaúcha.

A pera é uma fruta de clima temperado, mas o seu cultivo no semiárido pernambucano é resultado de uma parceria firmada há dez anos entre a Companhia de Desenvolvimento dos Vales São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) e a Empresa Brasileira de

Pesquisa Agropecuária (*Embrapa*). “Ao longo dos anos de pesquisa nós colhemos importantes resultados que nos mostram que é possível produzir pera em grande escala no Vale do São Francisco. Alguns anos atrás nós já víamos que a produção poderia chegar a cerca de 60 toneladas por hectare no quarto ano de cultivo, com possibilidade de duas safras-ano”, disse o engenheiro agrônomo da Codevasf Osnan Ferreira.

O produtor Teófilo Ferreira, do Projeto de Irrigação Senador Nilo



Coelho, plantou as primeiras 200 plantas de pera há sete anos. “Nós iniciamos com poucas plantas. Com a ajuda da Codevasf e Embrapa, fomos aprendendo. Fomos para 400 plantas, um hectare e, recentemente, expandimos para 2,3 hectares. Nós plantamos a pera triunfo e estamos gostando muito do resultado. A fruta é boa e, como se diz aqui, não dá pra quem quer”, afirmou.

Segundo a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), a pera é a terceira fruta de clima temperado mais consumida no país, mas cerca de 95% do consumo nacional é importado. Para atender o mercado interno, o volume de importações chega a 217 mil toneladas. “Os resultados que já temos no Vale do São

AURIVALTER CORDEIRO, SUPERINTENDENTE REGIONAL DA CODEVASF EM PERNAMBUCO: “A FUNÇÃO PRIMORDIAL DA CODEVASF É PROMOVER O DESENVOLVIMENTO DOS VALES DO SÃO FRANCISCO E DO PARNAÍBA. O FINANCIAMENTO DESSE TIPO DE PESQUISA É ESSENCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA NOSSA REGIÃO”.



Francisco mostram que é possível aos produtores do nordeste brasileiro começarem a atender essa demanda”, avaliou o engenheiro agrônomo da Codevasf.

Além da pesquisa com pera, a parceria entre Codevasf e Embrapa possibilitou o cultivo de outras frutas historicamente produzidas em regiões de clima temperado, como maçã e caqui, mas que já apresentam bons resultados no semiárido nordestino. No caso da maçã, que também é cultivada em lotes do Projeto de Irrigação

Senador Nilo Coelho, prospecções apontam para uma produtividade de 40 toneladas por hectare.

“A introdução de novas culturas nos projetos de irrigação da Codevasf permite aos produtores diversificar a exploração agrícola, tornando cada vez mais sustentável a atividade”, destacou o diretor da Área de Gestão dos Empreendimentos de Irrigação da Codevasf, Napoleão Casado.

O projeto “Introdução e avaliação de cultivos alternativos para as áreas irrigadas do se-



A pera é a terceira fruta de clima temperado mais consumida no país, mas cerca de 95% do produto é importado. Para atender o mercado interno, o volume de importações chega a 217 mil toneladas.

miário brasileiro”, desenvolvido pela Embrapa e financiado pela Codevasf, teve início há dez anos. O objetivo era descobrir a viabilidade da produção de frutas típicas de clima frio no Vale do São Francisco. O investimento nas pesquisas foi de aproxi-

madamente R\$ 500 mil por ano.

“A função primordial da Codevasf é promover o desenvolvimento dos vales do São Francisco e do Parnaíba. O financiamento desse tipo de pesquisa é essencial para o desenvolvimento da nossa região. Isso gera renda, diversifica a



produção, dá emprego para o nosso povo e ainda gera riqueza para o país”, comentou o superintendente regional da Codevasf em Pernambuco, Aurivalter Cordeiro.

Foram realizados experimentos com pereira, macieira, caquizeiro, cacaueiro e outras culturas típi-

cas de clima temperado nos projetos públicos de irrigação Senador Nilo Coelho e Bebedouro, ambos implantados pela Codevasf em Petrolina (PE). As culturas escolhidas para os estudos foram aquelas produzidas sob irrigação e com bom potencial de retorno econômico.

Além da pesquisa com pera, a parceria entre Codevasf e Embrapa possibilitou também o cultivo de outras frutas historicamente produzidas em regiões de clima temperado, como maçã e caqui.

MG12 *Panicum*

PAREDÃO



MATSUDA



**É A CASA DO BOI,
E NÃO DA CIGARRINHA.**



**RESISTENTE
À CIGARRINHA**

**ALTA
PRODUÇÃO
DE FORRAGEM**

**MAIS CARNE
MAIS LEITE**



MATSUDA

www.matsuda.com.br



/grupomatsuda

(35) 3539 1800 / MG

(18) 3226 2000 / SP





OVINOCULTURA

Qualidade atestada no balde

Casal muda radicalmente de vida e investe na produção
de queijos de ovelha, obtendo excelentes resultados
em curto espaço de tempo

Texto: Bruno Zanholo • Fotos: Davi Canto



Deixar a vida agitada de uma cidade grande para trás, se mudar para o campo e ainda de quebra começar um negócio próprio e diferenciado. O que para muitos pode soar como ousadia ou um “eu nunca faria”, para os casados Ricardo e Maria Clara Rettmann se tornou uma realidade. Questionando-se sobre a vida que levavam no Rio de Janeiro, e com a chegada do primeiro filho em 2015, eles optaram no ano seguinte pela

mudança de vida, mesmo tendo propostas de emprego em locais como São Paulo e Brasília. “Queríamos nossa família mais perto da natureza, para poder criar a criança de uma forma mais leve”, diz Ricardo. Aliado a isso, o casal sentia falta de mais produtos e produtores artesanais no mercado, e com o desejo de produzir alimentos de forma consciente e sustentável, surgiu a ideia de fabricar queijo de ovelha. Nasceu assim a Queijaria Rima.



Para tal mudança, o cenário escolhido foi o Sítio Santa Fé, adquirido pela família do Ricardo em 1986 e que está localizado na cidade de Porto Feliz, a aproximadamente 117 km da capital paulista. “Em 1997 meu pai começou a criar ovelha, mas voltada para corte. Já há 12 anos ele fez o primeiro embrionário de queijos, a partir de 100 animais comprados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Não deu certo, mas os animais continuaram na propriedade”, comenta.

Mesmo com um norte já desenhado por experiências do passado, o casal Rettmann precisou começar seu negócio do zero. E para que desse certo, dividiram suas funções. Maria, formada em jornalismo, se tornou a responsável pela

“QUANDO OPTAMOS PELA MUDANÇA, PARTIMOS EM BUSCA DE CONHECIMENTO SOBRE TODA CADEIA. ENTÃO, POR DOIS MESES VIAJAMOS POR PORTUGAL E ESPANHA, FAZENDO CURSOS E NOS PREPARANDO PARA A NOVA REALIDADE”, COMENTA RICARDO RETTMANN, PRODUTOR E PROPRIETÁRIO DA QUEIJARIA RIMA.



queijaria, enquanto Ricardo, bacharel em gestão ambiental, ficou encarregado da produção das ovelhas, além da manutenção do sítio. “Quando optamos pela mudança, partimos em busca de conhecimento sobre toda cadeia. Então, por dois meses viajamos por Portugal e

Espanha, fazendo cursos e nos preparando para a nova realidade”, declara o produtor.

Com tudo bem definido, Rettmann comenta que a parceria entre o casal é bem estruturada e ambos funcionam como cliente um do outro. “Isso porque a Maria necessita ‘comprar’ o lei-

A parceria entre o casal Ricardo e Maria Clara é bem estruturada e com funções divididas. Dessa maneira, ambos funcionam como “cliente” um do outro na atividade.



te que eu produzo, enquanto eu preciso dos queijos fabricados por ela para vender”.

A todo vapor

A Rima foi fundada em 2017, e a propriedade tem 25 hectares, com 1,5 ha de pasto, onde diariamente 80 animais ficam dispostos numa área de 130 m², número bastante satisfatório e que não seria possível numa produção de larga escala. “Nosso plantel atual conta com 450

ovelhas da raça francesa Lacauene, e destas, 130 estão em lactação. Colocamos no pasto somente as prenhas, filhotes já desmamados e os machos, no início da manhã ou final da tarde, quando a temperatura está mais fresca”. Segundo Rettmann, no verão esta é basicamente a alimentação delas. “Damos um pouquinho de ração no fim do dia para melhorar a parte nutricional e pronto”.

O produtor revela que o custo de manutenção do pasto é bai-



xo, e possui alta qualidade nutricional. “Conseguimos até 12% de proteína”, diz. No sítio, o tipo utilizado é o Áries, da Matsuda, que foi desenvolvido exclusivamente para a utilização em ovinos. “Pela característica destes animais, o pasto necessita ser baixo e este tem dado certo. Ele é exigente em adubação, então quando as ovelhas saem, nós roçamos e colocamos ureia a lanço”, comenta.

No processo, os cordeiros ficam com as mães até a desma-

ma, deixando-as assim, menos estressadas. Isso faz com que a qualidade do leite aumente, segundo o produtor. “Nossos produtos são artesanais e feitos a partir de 100% do leite de ovelha, ou seja, preciso ter matéria-prima da maior qualidade”.

Ricardo conta que por ser uma pequena produção, a ovelha se torna uma grande aliada nos negócios. “O leite dela é de mais fácil digestão, quando comparado ao da vaca, cabra e búfala. Além disso, é um ani-



mal mais dócil de se manejar no dia a dia”. Atualmente, a média diária de produção na Rima é de 1,3 litro de leite, número que para o produtor ainda pode melhorar. “O ideal seria chegar perto dos dois litros/dia”. Mas, se por um lado

ainda há aonde ajustar, por outro, os dados mostram a diferença na ponta do lápis para a criação deste animal. Uma ovelha consome quatro quilos de alimento por dia, enquanto uma vaca chega a 50 kg, por exemplo. Com isso, consegue-

Uma ovelha consome quatro quilos de alimento por dia, em média, enquanto que uma vaca leiteira, dependendo do porte, da raça, e da época do ano, pode chegar a consumir até 50 quilos por dia.



-se alimentar aproximadamente 12 ovelhas para cada vaca. A comparação se torna ainda mais significativa se analisarmos a quantidade de litros de leite necessários para a produção de um quilo de queijo. Em média, são três litros de ovelha, contra dez de vaca.

Pensando no bolso, hoje um produtor de leite de vaca recebe entre R\$ 1,35 e R\$ 1,45 por litro. Verticalizando a produção, Ricardo vende um litro de leite de ovelha direta-

mente ao consumidor por R\$ 12,00. Esta, inclusive, é uma das principais vantagens da criação de ovelhas leiteiras em comparação a produção do leite tradicional.

Conquistar território

Apesar dos números atrativos, o desafio da família Rettmann é grande. A pequena quantidade de produtores desta iguaria, acarreta na falta de conhecimento e interesse



por parte do público em querer comprar os produtos derivados da ovelha. E não se trata apenas do queijo, pois, na própria Rima, por exemplo, também são feitos iogurtes, coalhadas secas, além de doce de leite. “Nosso trabalho

também passa pela divulgação do que produzimos, para conquistar clientes e aparecer mais no mercado como um todo”, diz o proprietário, que lembra que no começo produziam os queijos, partiam para eventos como feiras artesa-

Quanto ao teor de gordura, o leite de ovelha traz grande vantagem. Enquanto são necessários 10 litros de leite de vaca para se fazer um quilo de queijo, no caso da ovelha são necessários apenas 3 litros.



nais, e praticamente davam os produtos, em busca de atrair o público e apresentar o serviço. “Foi um trabalho necessário e que hoje nos dá retorno”. O efeito disso é visto no balanço realizado desde o começo da atividade. Rettmann comen-

ta que em 2017, primeiro ano de funcionamento, as contas fecharam no vermelho. “Foi a fase de investimento, estudo, aprimoramento de técnicas e marketing inicial do negócio”. No ano seguinte, o equilíbrio financeiro tomou conta, dando

Para 2020 as projeções são bastante otimistas, com plano de investimento em melhoramento genético e maior eficiência do sistema de pastagem para incrementar a produção e atender a demanda.



energia para que os donos não desistissem da ideia e continuassem o trabalho. Trabalho esse que monetariamente foi recompensado no fechamento de 2019, com o negócio no azul, dando lucro mensal. “Sei que podemos melhorar, e me baseio muito em planejamentos e planilhas para isso. Sou muito o cara dos números, e ver o saldo no positivo ao final do terceiro ano de funcionamento foi bastante satisfatório”, declara.

Atualmente a linha de clientes da queijaria se divide em quatro tipos. O primeiro é a venda para pessoa física, realizada de porta em porta e também através das encomendas feitas pelo site, que são entregues semanalmente; depois vem a linha dos empórios, que cada vez mais tem buscado produtos artesanais como este; o terceiro ponto e considerado principal são os restaurantes, que representam um grande avanço de



negócio para os produtores; e por último, as pessoas que vão até o sítio e compram direto na lojinha. “Todo sábado realizamos cafés da manhã para quem quiser vir conhecer todo sistema de produção e degustar os queijos. Tem dado certo, e as pessoas ao

final compram para levar para casa”. Segundo Ricardo, está atração in loco representa hoje 10% do faturamento da Rima.

Para 2020 as projeções são ainda mais positivas, com plano de investimento em genética, melhor efi-



ciência do pasto, entre outros pontos, para continuar crescendo. “Precisamos ir até aonde dá, para não fugir do controle, uma vez que chegamos a um ponto que temos mercado, mas não leite, devido a falta de parceiros que o produzam”. Com isso, o pro-

dutor comenta que vende plano de negócios para terceiros, exatamente a fim de arrumar mais pessoas produzindo leite de ovelha e participando do mercado. “Se tiver mais produção, com certeza conseguirei crescer o negócio da queijaria para este ano”, diz.

27ª FEIRA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA AGRÍCOLA EM AÇÃO



no desenvolvimento do agro

Realizadores



Promoção & Organização





**27 ABRIL
A 1 MAIO 2020**

DAS 8H ÀS 18H RIBEIRÃO PRETO - SP - BRASIL

**ACOMPANHE ARTIGOS E NOVIDADES DO SETOR
NO CANAL DE CONTEÚDO DA AGRISHOW:**

[DIGITAL.AGRISHOW.COM.BR](https://digital.agrishow.com.br)



[AGRISHOW.COM.BR](https://agrishow.com.br)







 **LAVOURA**

Água é a chave do sucesso

Fazenda aumenta produção em 71% com ajuda da irrigação. A propriedade, localizada em Balsas, no Maranhão, foi a primeira no Estado a construir poço tubular de alta vazão, que proporcionou a utilização de pivôs centrais.



A cada safra que passa, os custos nas propriedades só aumentam, despesas com maquinário, combustíveis, contas são recorrentes e crescentes. Por outro lado, em muitas fazendas a produtividade, principalmente nos últimos anos, segue estática, ou seja, com o aumento nas despesas e estagnação nas receitas, a conta não fecha. Foi um desses motivos que levou o agricultor e administrador, Eliezer Zimmerman, a promover grandes mudanças em sua propriedade. O agricultor

que cultiva soja e milho em uma área de 600 hectares recorreu a irrigação. Com os equipamentos, numa área de 240 hectares, nesta última safra, a propriedade teve uma produtividade média de 60 sacas da oleaginosa por hectare, enquanto nas áreas não irrigadas, a produtividade foi de 35 sacas por hectare. Ou seja, um aumento de produtividade em 71%.

Devido ao posicionamento do pivô, não é possível estender a irrigação para 100% da área, mas segundo Zimmerman, há a inten-

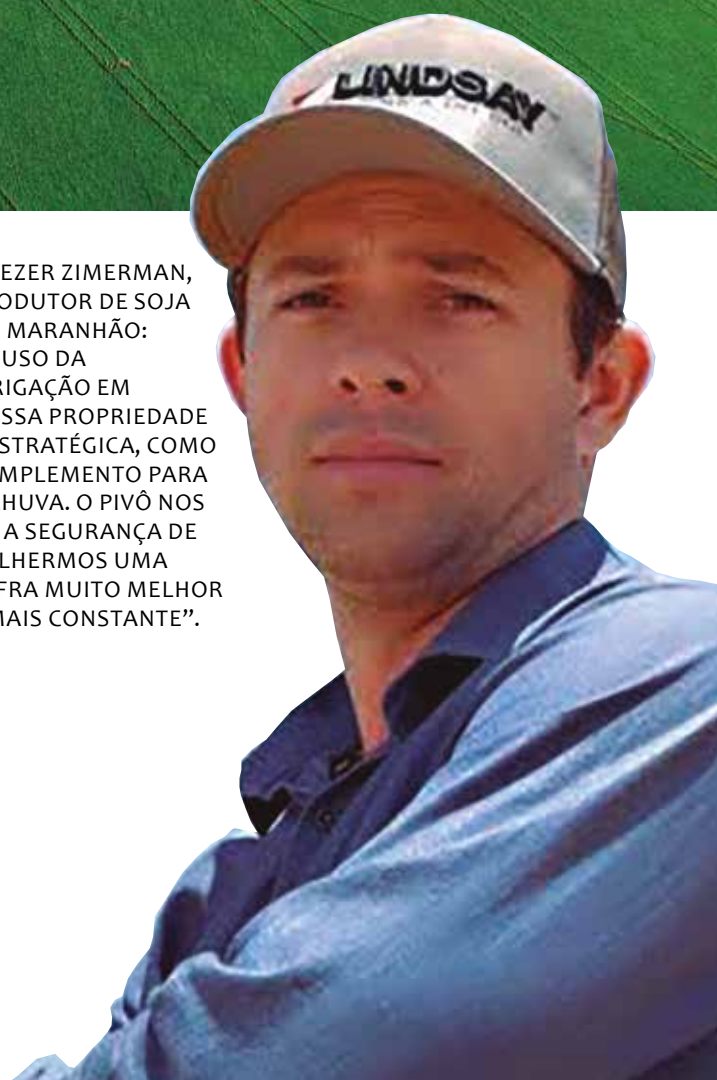


ção e projetos para aumentar em mais 30% a área irrigada que para essa propriedade já seria o ideal. “O uso da irrigação em nossa propriedade é estratégica, como complemento para a chuva. O pivô nos dá a segurança de colhermos uma safra muito melhor e mais constante”, destaca o produtor.

Investimento inédito no Maranhão

Para tornar o projeto de Eliezer viável, ele teve que fazer um poço

ELIEZER ZIMMERMAN,
PRODUTOR DE SOJA
NO MARANHÃO:
“O USO DA
IRRIGAÇÃO EM
NOSSA PROPRIEDADE
É ESTRATÉGICA, COMO
COMPLEMENTO PARA
A CHUVA. O PIVÔ NOS
DÁ A SEGURANÇA DE
COLHERMOS UMA
SAFRA MUITO MELHOR
E MAIS CONSTANTE”.





tubular de alta vazão em sua propriedade. Entretanto, como até então no Estado não havia nenhum desse modelo, teve que ter paciência e persistência para seu projeto ser aprovado. “Foi muito difícil para conseguir a licença, pois os órgãos responsáveis nem tinham conhecimento de poço de alta vazão. Foram dois anos para conseguir a licença”, diz Zimerman.

Além da parte burocrática, a decisão de fazer o poço precisou

ser muito bem pensada e planejada, já que o projeto precisava de um investimento alto, de cerca de R\$1,5 milhão, sem ter certeza que haveria água suficiente. “Graças a Deus nosso projeto deu certo, e temos uma excelente vazão. Agora somos referência na região, sempre recebo visita de produtores rurais que vem conhecer nosso trabalho”, diz o produtor.

Com a implementação do poço, Zimerman conseguiu instalar dois pivôs centrais de irrigação



da marca Zimmatic. Os equipamentos são projetados tanto para pequenas quanto para grandes áreas. Seu projeto modular permite ao fabricante configurar sistemas longos e reduzir o custo do sistema. Cada pivô é implantado conforme condições específicas de clima, topografia e de cultura.

Irrigação à distância

Além dos pivôs centrais, a fazenda também utiliza o sis-

tema FieldNET. A ferramenta de gerenciamento remoto possibilita a irrigação em vários tipos de terreno e solo para aumentar a produtividade e utilizar melhor os recursos naturais. Além disso, o gerenciamento é sem fio e totalmente integrado e permite a visualização e controle de seus sistemas praticamente de qualquer lugar, basta ter acesso de um celular, computador ou tablet.



FRUTICULTURA

Essa uva é “coisa fina”

Início da colheita celebra bons resultados da Pilar Moscato, a primeira uva gourmet do Brasil, que é exportada para o Canadá, a Europa e Hong Kong. A expectativa desta safra é colher 500 toneladas

Pilar do Sul, na região de Sorocaba, contou com um sábado especial. No dia 25 de janeiro, foi realizada, pelo segundo ano consecutivo e com a presença de 300 pessoas, a segunda cerimônia de colheita da uva Pilar Moscato, a primeira uva gourmet do Brasil. A ação teve como objetivo agradecer a

natureza pela boa safra e pedir aos Deuses uma colheita farta, que tem início em janeiro e segue até o fim de abril.

Após quase 10 anos de pesquisas realizadas por integrantes da Cooperativa Agroindustrial APPC (Associação Paulista de Produtores de Caqui), que conta atualmente com 35 coo-



perados, surgiu, em 2015, a uva Pilar Moscato. Essa variedade nasceu da necessidade mercadológica de oferecer produto de excelência, qualidade e total segurança aos consumidores. Hoje, a Pilar Moscato é o carro chefe dos produtos comercializados pela APPC, entre eles caqui, ameixa, atemoia, decopom, entre tantas outras frutas. “Tenho orgulho de afirmar que esta variedade foi a primeira uva gourmet lançada no mercado brasileiro, produto esse norte-

ador das fruticulturas paulista e brasileira. Com isso, paradigmas até então vigentes nesta cadeia foram quebrados: enquanto antes pensava-se apenas em quantidade, hoje há uma busca incessante pela qualidade do produto. Qualidade esta que pode ser traduzida em sabor, coloração, tamanho e principalmente segurança”, emociona-se Paulo Toyoda, vice-presidente da Cooperativa, que enaltece a importância deste trabalho para a permanência dos jovens nos



campos, para a geração de empregos e o progresso da nação brasileira.

E por que esta uva é considerada tão especial a ponto de integrar o mercado gourmet? Seus principais diferenciais são a aparência, com bagos grandes, brilhantes e sem sementes, e o sabor bastante adocicado. “Antes da colheita, analisamos cada cacho que deve estar com no mínimo 18 brix (grau de doçura da fruta) contra 14 graus brix das uvas tradicionais e

todo o processo -- do plantio à colheita -- tem acompanhamento técnico integral, proteção e cuidados especiais em todas as etapas de cultivo”, explica Claudio Shoiti Ito, presidente da APPC, que complementa: “este é um produto bastante artesanal, exige mão de obra especializada, muita técnica e bastante conhecimento. Diferente de outras uvas, a Pilar Moscato é ensacada individualmente com um saquinho de papel especial, que protege os cachos dos agen-



tes externos (chuva, sol, ataque de insetos), auxilia na uniformidade de coloração e tornam a casca mais fina e brilhante. Outro procedimento que garante a qualidade da fruta é o raleio, que é totalmente manual não utilizando o chamado “pente”, que pode deformar o cacho. Todo o parreiral é protegido com telas anti-granizo e anti-pássaros e em períodos chuvosos, o chão do parreiral também recebe uma manta plástica para impedir que as bagas de uvas ra-

chem”, detalha.

Já no término da colheita, têm início os tratos culturais para a próxima safra: adubação verde para melhor estruturar o solo, fertilização, limpeza de troncos e podas para quebra de dormência. São colocadas em prática outras ações para uniformização de brotação, florescimento e frutificação. E quem vê o parreiral cheio de frutas lindas, grandes e brilhantes nem imagina que a safra iniciou, em julho, com uma forte



geada que gerou problemas de brotação, porém teve consequências positivas: o acúmulo de frio permitiu que em agosto novas podas fossem realizadas garantindo a qualidade da uva, com padrão de cachos bastante vistosos. Por todo este processo, a Pilar Moscato tem também um preço diferenciado das demais, podendo chegar a R\$ 90 o kg, garantindo boa renda aos produtores. “Estamos animados e acreditamos que nesta safra iremos colher cerca de 500 to-

neladas”, deseja Cláudio.

Daniel Nakano, chefe do grupo de estudos da uva Pilar Moscato, explica que uma das missões da Cooperativa é levar produtos seguros, saborosos e de qualidade para agradar aos mais exigentes paladares e consumidores, além de atender a um nicho diferenciado de mercado. “Estudamos constantemente para que haja segurança alimentar, respeito ao meio ambiente e inovação. Recebemos de volta com doçura, formato e qualidade toda a



nossa dedicação para com esta fruta”, revela Daniel informando que todo o processo atende as normas de rastreabilidade e outras legislações exigidas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Na região são gerados mais de 200 empregos relacionados a esta variedade de uva. “Os produtores rurais de Pilar do Sul estão dando a oportunidade de o nosso município melhorar economicamente e de ser conhecido e reconhecido interna-

cionalmente com a Pilar Moscato. Agradeço o empenho de todos os fruticultores pelo trabalho incessante e à Secretaria de Agricultura pelo apoio técnico constante”, diz Marco Aurélio Soares, Prefeito de Pilar do Sul. Presente ao evento, que contou com uma cerimônia religiosa e com atividades em campo, Diógenes Kassaoka, dirigente da assessoria técnica da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, representou o secretário Gus-

tavo Junqueira e levou aos presentes uma mensagem de otimismo. “Vocês são exemplo de que unidos, os produtores conseguem se organizar, gerir mais adequadamente seus negócios e abastecer o Estado, o Brasil e outros países com produtos de qualidade. Continuem se empenhando e contem com a Secretaria de Agricultura”.

Para João Brunelli Júnior, coordenador substituto da Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável (CDRS) e representando o coordenador José Luiz Fontes, a APPC cumpre com excelência a vocação rural. “Parabenizo a comunidade de Pilar do Sul pelo exemplo de profissionalismo dos produtores e pela qualidade dos produtos. A produção é feita por vocês e o nosso papel é de ser facilitador e oferecer todo o suporte para que tenham cada vez mais oportunidades e renda. Vocês já mostraram que têm um enorme potencial para levar o agro paulista e brasileiro para outros patamares”, afirma Brunelli, que foi responsável pelo Projeto Microbacias II -- Acesso ao Mercado, do Governo do Estado, executado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento entre 2011 e 2018, com apoio do Banco Mundial.

Secretaria de Agricultura apoia APPC

Uma das inúmeras organizações rurais beneficiadas pelo Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável Microbacias II -- Acesso ao Mercado, a APPC, alavancou suas atividades com as aquisições propiciadas pelo Microbacias em 2016. Com valor total do Projeto em mais de R\$ 2 milhões e apoio do governo de quase R\$ 1.6 milhões, foi possível adequar uma unidade para processamento; adquirir equipamentos para clas-





sificação, embalagem e armazenamento de frutas; construir duas câmaras frias e comprar um caminhão baú com capacidade para transportar quatro toneladas de produtos. Um antigo galpão de 750m², que já existia na sede da Associação, foi reformado e recebeu, além dos maquinários, novos pisos, vidrarias, pinturas, azulejos, pias, banheiros e teve sua estrutura adequada para centralizar todo o processo de classificação, embalagem, armazenagem e logística de distribuição. No local, também foram construídas duas câmaras frias que irão armazenar, em uma temperatura de dois graus, toda a produção.

“O País vivia um momento de crise e ações como essa nos levaram a ter esperanças. É gratificante constatar que todo este investimento do governo do Estado pode ser retribuído pelos produtores, a partir do momento em que conseguimos oferecer alimentos de qualidade a toda sociedade. Projetos como esse, honram a vocação agropecuária do nosso País”, emociona-se Cláudio, o presidente da Cooperativa.

A equipe de extensão rural da Regional Sorocaba, da Secretaria de Agricultura, esteve e continua constantemente apoiando os produtores. “Como extensionistas, temos o importante papel de sermos mediadores entre o governo e os produtores. Apresentamos a eles essa grande política pública, que tem um alcance social enorme. O Microbacias II revolucionou nosso agro”, avalia Mauro Castellani, diretor da Regional Sorocaba. Além deste apoio, a região de Sorocaba (Pilar do Sul e Piedade) recebeu recursos do Microbacias para recuperar estradas rurais.



AGROFLORESTA

Bem acompanhado é melhor

Eucalipto cresce mais em sistemas ILPF, comparado ao plantio em monocultura.

A inserção de árvores nos sistemas integrados de produção agropecuária, como a integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), ainda encontra resistência por parte de alguns produtores. Cada vez mais, entretanto, dados de pesquisas mostram que, se bem manejado, o componente arbóreo gera ganhos produtivos e econômicos. Pesquisa realizada na Embrapa

Agrossilvipastoril, em Sinop (MT), em uma área de ILPF com *Eucalyptus urograndis* plantado em linhas triplas e renques distantes 30 metros, mostrou que nos cinco anos iniciais, as árvores no sistema integrado cresceram 18% a mais do que árvores plantadas em monocultura. As árvores da ILPF ganharam em média 3,8 cm/ano, enquanto aquelas em silvicultura



solteira ganharam 3,2 cm/ano. De acordo com o pesquisador da Embrapa Pecuária Sul Hélio Tonini, a diferença evidencia a maior competição por luz na monocultura. Embora o crescimento fosse distinto, não havia se verificado variação significativa no volume de madeira entre os indivíduos comparados. O manejo das árvores, com a retirada das linhas laterais e manutenção da linha central, entretanto, mudou esse quadro. Em dois anos, o ganho em volume da área de ILPF com linha simples chegou a ser 54% maior do que na área com monocultura e 25% maior do que na área com renques de linhas triplas.

“Antes do desbaste havia um efeito de competição muito grande. As linhas das bordas acabam

MAUREL BEHLING,
PESQUISADOR
DA EMBRAPA:
“ESSE MANEJO
DAS ÁRVORES
SUPRIMINDO AS
LINHAS LATERAIS
DO RENQUE TRIPLO
TAMBÉM RESULTOU
EM MAIOR GANHO
PARA O SISTEMA”.



suprimindo o crescimento da linha central. A média de crescimento do renque era alta, mas, se pegássemos somente a linha central, pensando em serraria, ela estava perdendo em crescimento. Quando fizemos o desbaste, convertendo de linhas triplas para simples, ele retomou o crescimento e isso possibilitou o ganho”, explica o pesquisador da Embrapa Maurel Behling.

As árvores suprimidas no decorrer do experimento foram utilizadas para produção de postes, outdoors e também como lenha. Em uma situação de fazenda, isso representa renda para o produtor antes

mesmo do corte final da madeira.

Manejo beneficiou todos os componentes do sistema

Esse manejo das árvores suprimindo as linhas laterais do renque triplo também resultou em maior ganho para o sistema. Nos tratamentos em que havia lavoura, a soja chegou a ter perda de produtividade de 24% no quinto ano, quando comparada a uma lavoura solteira. Após o desbaste, porém, recuperou a produtividade, igualando à lavoura sem árvores. A pecuária também se beneficiou da maior entrada de luz para as pastagens, preservando a



sombra para os animais. No sistema com árvore, o ganho de peso de novilhos nelore por hectare em um ano foi de 40 arrobas, cerca de 30% maior do que em um sistema sem árvores.

Behling explica que a decisão sobre o manejo das árvores deve ser tomada de acordo com a estratégia definida e com o propósito do uso da madeira. “Se o objetivo é usar como biomassa, quanto menos intervenções, melhor, já que há um custo elevado de mão de obra para as podas e desramas. Agora, se o objetivo é ter madeira de qualidade para serraria, os manejos são necessários. Para isso, o valor agregado da madeira tem

que compensar as despesas do produtor”, pondera.

“F” além do eucalipto

De acordo com dados da Associação Rede ILPF, dos 11,5 milhões de hectares com sistemas ILPF no Brasil na safra 2015/2016, somente 17% eram em configuração com árvores. O eucalipto ocupa a maior parte dessa área. Porém, não é a única espécie.

Pesquisas desenvolvidas pela Embrapa em seus campos experimentais e em áreas comerciais, as chamadas Unidades de Referência Tecnológica (URT), testam e validam o uso de outras espé-

cies. Os resultados têm servido para comprovar a viabilidade de algumas delas, para gerar dúvidas sobre outras e também para descartar algumas.

Em Mato Grosso, uma espécie que tem se sobressaído é a teca (foto à esquerda). Com alto valor agregado, a árvore tem um cenário econômico favorável e boas características silviculturais. “Assim como o eucalipto, a teca já tem seu manejo consolidado. Além disso, ela se adapta bem às condições climáticas e tem alto valor agregado, chegando a R\$ 1.500/m³”, explica Behling.

O bom rendimento financeiro, entretanto, vem à custa de uma longa espera até a teca atingir ponto de corte. Em monocultivos, os primeiros cortes ocorrem com 20 a 25 anos. Na ILPF, no entanto, a tendência é de haver redução na espera em até cinco anos. Isso ocorre devido à menor competição por luz entre as árvores. A expectativa em algumas URTs de ILPF é de se fazer o corte aos 18 anos.

Uma desvantagem da teca é a perda de folhas no período seco em algumas

regiões, reduzindo o conforto térmico para o gado. “A desfolha varia de acordo com as características de solo e clima de cada local. Mas se o objetivo do produtor é ter conforto térmico para o gado, uma opção é fazer um consórcio, usando a teca com outras espécies”, argumenta o pesquisador da Embrapa.

Nas regiões Sul e Sudeste, espécies como a grevília, o pinus e a bracatinga têm se destacado no uso em sistemas integrados. Na Região Norte,

experiências com nativas, como o bordão-de-velho, mulateiro, taxi branco e cedro-doce, mostram que é possível usá-las tanto em plantios em renques quanto conduzindo a regeneração natural

nas pastagens. Algumas delas são madeireiras, outras prestam serviços ao sistema. O bordão-de-velho é um exemplo. Como leguminosa, além de

fornecer sombra, ele fixa nitrogênio no solo e suas vagens podem ser usadas na alimentação animal. O mesmo ocorre com a gliricídia, espécie muito utilizada em sistemas ILPF no Nordeste e que





tem como principal função alimentar o gado.

A desvantagem de algumas espécies nativas é a lentidão no crescimento, o que exige em alguns casos de sistemas com pecuária que as mudas sejam protegidas com cerca, para evitar danos causados pelo gado. O risco é que os animais predem o tronco das árvores ou mesmo as quebrem. A predação, inclusive,

KARINA PULROLNIK, PESQUISADORA
DA EMBRAPA AGROSSILVIPASTORIL.





tem sido o maior entrave ao uso do mogno africano em ILPF. Os danos causados pelos dentes dos animais provocam deformações no tronco e prejudicam o crescimento.

Algumas espécies frutíferas também têm se mostrado viáveis, principalmente para pequenos agricultores. Exemplos bem-sucedidos com o uso de pequi, coqueiro, baru, guariroba, goiabeira e cajueiro mostram a versatilidade dos sistemas ILPF.

Baixa viabilidade

Outras espécies florestais como paricá (pinho-cuiabano) e pau-de-balsa (foto à direita) a até chegam a ter características desejáveis para a ILPF, como o rápido crescimento e interesse de mercado. Entretanto, por demandarem manejo de condução de copa e por terem baixo valor agregado, na maioria das vezes não são economicamente viáveis. O mesmo ocorre com o bapuruvu.



FLÁVIO WRUCK,
PESQUISADOR DA
EMBRAPA AGROSSILVIPASTORIL.

A acácia mandacium também demanda manejo quando destinada à serraria. Porém, por ser uma leguminosa, é uma boa alternativa para solos arenosos. Além disso, é possível agregar uma renda extra com a produção de melato, um mel produzido por abelhas a partir da seiva secretada pelas árvores.

Já o mogno brasileiro e o cedro enfrentam problemas com pragas, como a broca do ponteiro (*Hypsypyla grandella*), que inviabilizam a utilização nos sistemas ILPF.

Configuração das árvores na ILPF

Além da escolha da espécie, um aspecto importante para a utilização de árvores em sistemas integrados é o planejamento da configuração. A primeira questão a se levar em conta é qual é o carro-che-

fe do sistema. As árvores, a pecuária ou a agricultura? A resposta a essa pergunta ajudará a pensar na quantidade de árvores usadas e também na orientação do plantio.

Em terrenos com declividade acima de 3%, os princípios da conservação do solo devem vir em primeiro lugar. Dessa forma o plantio deve ser feito em nível. Já em áreas planas, recomenda-se o plantio sentido leste-oeste. “Esse é o sentido do movimento do sol, o que favorece a quantidade de radiação luminosa que entra e é distribuída nos espaços entre os renques. Dessa forma, ocorre um benefício às culturas intercalares, que passam a ter maior potencial fotossintético”, explica a pesquisadora da Embrapa Cerrados Karina Pulrolnik.

O espaçamento entre os renques geralmente é definido pelo maquinário utilizado na fazenda. “O produtor deve verificar qual é a operação mais cara que ele faz na área. Se for a colheita, fazemos múltiplos da largura da colheitadeira. Se forem as pulverizações, utilizamos a barra do pulverizador como re-

ferência. Sempre lembrando de deixar de um metro a um metro e meio de margem em cada lateral para evitar danos às árvores e facilitar a manobra”, explica o pesquisador da Embrapa Agrossilvipastoril Flávio Wruck. A escolha da configuração dos renques, se com linhas simples, duplas, triplas ou múltiplas, depende dos objetivos do produtor. Se ele tem a finalidade de produzir madeira para serra-ria, renques simples ou triplos são mais indicados. Se quiser produzir biomassa, duplos, triplos ou múltiplos podem ser a alternativa. No caso de renques triplos, somente a linha central será conduzida para serra-ria.

Behling explica que com linha simples tem-se a adição de renda,

uma vez que as árvores ocupam apenas o espaço dos próprios troncos, representando cerca de 5% do total da área. Na medida em que se aumenta o número de linhas, há uma substituição de renda, uma vez que o espaço ocupado pelas árvores e pela projeção da sombra delas é maior.

“A melhor opção vai depender de um conjunto de fatores. Se tenho uma situação restritiva de logística e de mercado, a adição de renda será a melhor opção. Se eu tenho uma condição com logística favorável e uma grande demanda por biomassa, a substituição de renda passa a ser mais interessante para o produtor”, explica o cientista, lembrando ainda de aspectos decisivos, como a disponibilidade de mão de obra.

ÁRVORES TRAZEM MAIS ÁGUA E MITIGAM EMISSÕES

As vantagens da utilização das árvores em sistemas ILPF vão além dos ganhos diretos. Estudos mostram importantes benefícios para o meio ambiente, como a maior infiltração de água no solo e a mitigação das emissões de gases de efeito estufa. De acordo com medições feitas na Embrapa Agrossilvipastoril, enquanto na sucessão de soja na safra por milho com braquiária na safrinha o escoamento foi de 2,4% do total de precipitação, no sistema silviagrícola esse número foi de apenas 1,7%. Em um local onde chove cerca de 2.000 mm/ano, isso representa 14 litros a mais de água infiltrando por metro quadrado. Em um hectare, são mais 140 mil litros disponíveis para as plantas ou abastecendo o lençol freático. A absorção de CO₂ no processo de fotossíntese e o acúmulo de carbono em

sua biomassa fazem das árvores importantes compensadores nas emissões de gases causadores de efeito estufa em um sistema produtivo. De acordo com informações do programa da Embrapa Carne Carbono Neutro, um sistema ILPF ou IPF, com uso de pecuária de corte, com 227 árvores de eucalipto por hectare, é capaz de compensar as emissões de metano de 7,1 UA/ha/ano aos três anos de plantio das árvores e 10,8 UA/ha/ano aos seis anos. Em um sistema mais adensado, com 357 árvores por hectare, a compensação equivale a 12,8 e 17,5 UA/ha/ano, respectivamente. Como a capacidade de sequestro de carbono é maior do que o potencial de emissão de metano, esses sistemas são considerados mitigadores de emissões de gases causadores do efeito estufa e do aquecimento global.



PIONEER.

GRANDES

como seus planos



Pioneer® e Corteva Agriscience™: mais possibilidades por você.



A perda de um ícone do Agro

Jorge Matsuda deixa um grande legado para o agro brasileiro

Texto: Marisa Rodrigues • Fotos: Divulgação

O agronegócio está de luto. Faleceu na capital de São Paulo, no dia 01 de janeiro, o empresário e diretor-presidente do Grupo Matsuda, Jorge Matsuda. Líder em sua área de atuação, mais especificamente na pecuária, atividade econômica que ainda não existia no Brasil, na década de 70, e que ele, empreendedor nato, desenvolveu de modo quase incipiente, começando por recolher ramos de sementes de capim à beira da estrada e submetendo-os à pesquisa e cruzamentos genéticos, dando origem a uma variadíssima cartela de sementes forrageiras que seriam usadas para transformar os cerrados brasileiros, na região Centro-Oeste, numa das terras mais ricas e maiores produtoras de bovinos para corte e leite.

Formado em Economia e Administração, com MBA em agronegócio pela FGV – Fundação Getúlio Vargas, Jorge Matsuda mudou a paisagem brasileira ao transformar capim em ouro — o nosso ouro verde e amarelo — como ele mesmo

costumava dizer, com bastante orgulho, é claro. Graças a uma personalidade raríssima, que combinava extrema energia e disposição para o trabalho, mais vontade incansável de empreender, além de muito bom humor para as festas, ele transmutou a empresa que recebeu de seus pais, Schichiro Matsuda e Fumiko Matsuda, em uma multinacional do agronegócio brasileiro, em apenas 30 anos.

Quando ele entrou na companhia, em meados de 1970, o Grupo Matsuda ainda era a Cerealista Matsuda Ltda, com apenas uma unidade, a matriz de Álvares Machado, fundada em 1948 por Schichiro Matsuda e Skio Sammi. Dali para a frente, tendo ao seu lado o primo e sócio Arilton Sammi, buscou parceiros em várias frentes, principalmente nas instituições de pesquisas, como o IZ- Instituto de Zootecnia de Nova Odessa, com 100 anos de tradição em pesquisas e melhoramentos de sementes forrageiras; Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecu-



árias, IAC – Instituto Agronômico de Campinas e IAPAR – Instituto de Agronomia do Paraná, entre outros.

Ao associar-se ao grupo Cerise, no final da década de 90, a empresa fincou sua bandeira em terras mineiras. Junto com o sócio Leonardo Cerise, expandiu o negócio em diversas direções brasileiras, ocupando as fronteiras do Norte, Centro Oeste e Nordeste. Em apenas uma década, entre os anos 2000 e 2012, inaugurou as unidades de Cuiabá (MT), Goiânia (GO), Impe-

ratriz (MA), Jacareí (SP), Vitória da Conquista (BA) e Pecém (Fortaleza). Em apenas dez anos, essas mesmas instalações foram muitas vezes ampliadas, tendo suas instalações multiplicadas. Além do beneficiamento das sementes forrageiras, todas as unidades produziam e distribuíam suplementos minerais, medicamentos veterinários, equipamentos agrícolas e produtos especiais para a linha pet, outro mercado poderoso que Jorge descobriu, junto com o sócio Leonardo Cerise, e investiu pesado, abrindo a

PESO DIÁRIO DO REBANHO À DISTANCIA E SEM INTERVENÇÃO HUMANA!



INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
PARA A PECUÁRIA

Com a **BalPass®**, sistema de pesagem inteligente da Coimma, você consegue *identificar a tempo* os *animais de alto ou baixo desempenho* e tomar a *decisão certa* para obter o *lucro máximo* na sua fazenda.



(18) 3821 9900 - 0800 11 2555
coimma.com.br



/coimma



@coimma



/coimma

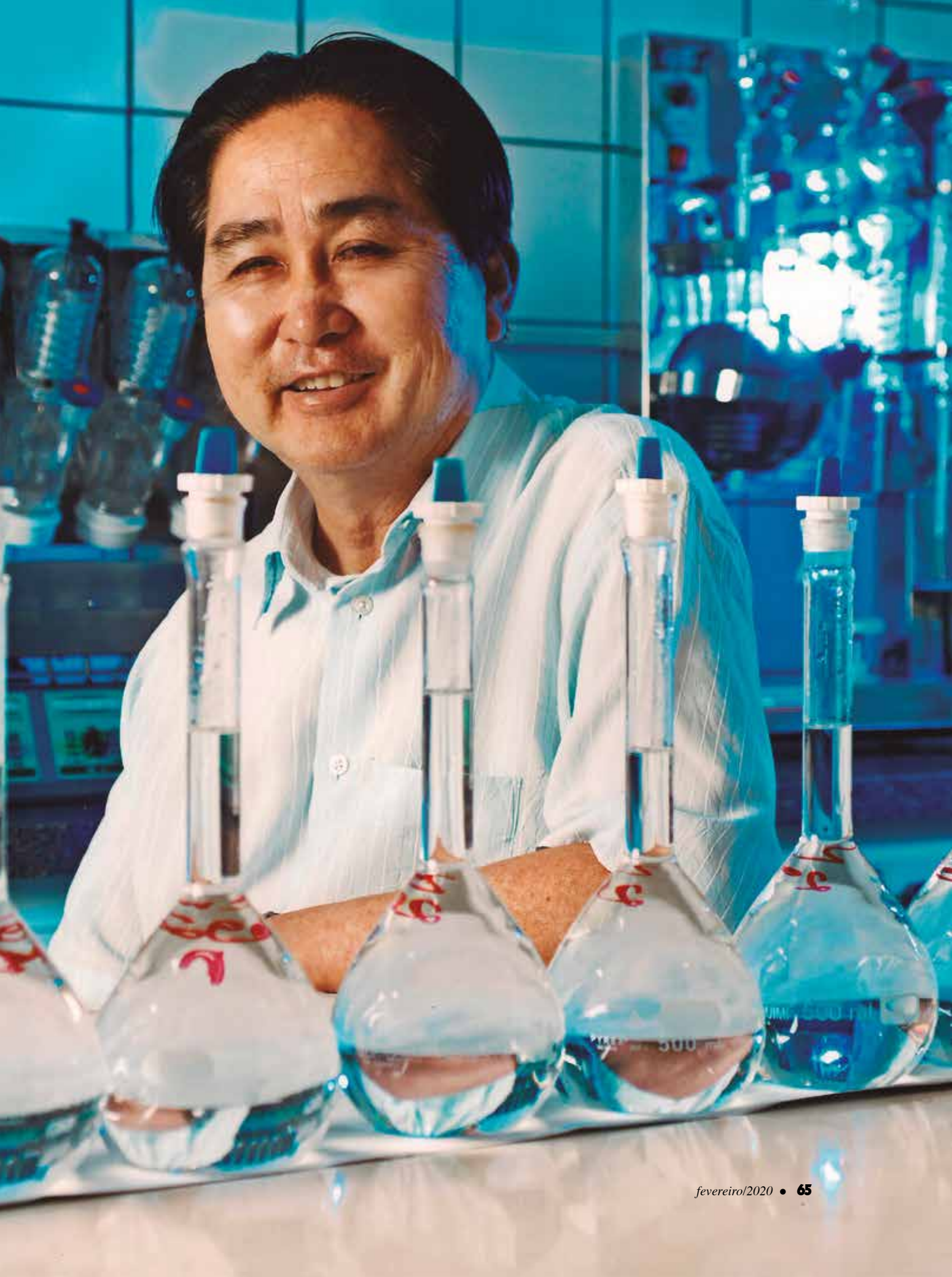
BALPASS®.
O GADO PASSA,
O LUCRO FICA.

primeira fábrica da marca Matsuda Petfood em São Sebastião do Paraíso (MG), em 2002. Da pequenina Álvares Machado, SP, ele exportou a marca Matsuda para o mundo. Atualmente, a empresa que dirigiu por quase 50 anos está presente em 21 países, entre América Central, América do Sul e Europa, possuindo além das unidades estaduais, vários centros de distribuição e representantes comerciais regionais, estrategicamente localizados.

Na família e com os amigos, Jorge Matsuda não foi diferente, pois sua personalidade inquieta o obrigava a ser sempre o primeiro a acordar e o último a ir dormir, não importando se o assunto fosse trabalho ou lazer. E, nos eventos corporativos, não era raro aparecer vestido de Elvis Presley, Johnn Lennon, xequie árabe e até um impagável Frank Sinatra, para loucura dos fãs. Sim, Jorge Matsuda tinha fãs e seguidores, pois além do líder nato, com quem sempre aprendiam, todos sabiam que ao lado dele a descontração estava garantida. Fosse em grandes convenções anuais junto com os representantes, em cruzeiros ou résorts, ou em petit-committeés, Jorge sempre dava um jeito de alegrar a festa, cantando, tocando bateria ou fazendo imitações, sempre hilárias, dos seus ídolos do rock. Adorava um bom churrasco, e bons vinhos. Jorge Matsuda, ou simplesmente JM, como era chamado pelos mais íntimos, não deixava a peteca cair nunca, pois vivia com uma perna no presente e ou-

tra no futuro. Não é por outra razão, que deixa, como legado, além da maior companhia multinacional, totalmente brasileira, líder em sementes para pastagens e segunda no ranking de suplementos minerais, o slogan para o seu norteio, nos próximos dez anos: Matsuda, rumo ao Século XXII.

Casado com Julia Matsuda, o empresário deixa os filhos Katia, Leonardo e Aline, e as netas Luana e Lara. Seus filhos estão trabalhando na direção da empresa que ele mais amou em sua vida, além da mãe D.Fumiko Matsuda, de 95 anos, e dos irmãos Hiroshi, Helena Keiko, Edna Satiko, Teresa Hatsuko e Maria Matsuda. Seu corpo foi trasladado para Álvares Machado (SP), onde foi velado e enterrado no cemitério local. Em seus últimos instantes de vida, fez um último pedido: solicitou àqueles que quisessem lhe enviar flores, que, em vez disso, fizessem doações do mesmo valor, para o Hospital Regional do Câncer de Presidente Prudente (SP). A todos os amigos, familiares, colaboradores e funcionários fica uma profunda tristeza, mas, como bem resumiu sua filha Aline, durante seu funeral, sua presença espiritual será eterna e suas lições serão sempre seguidas por todos que continuarem com a saga da Matsuda, pois ele deixou exemplos e atitudes muito fortes, que nunca serão esquecidos. “Sempre teremos a sua estrela nos apontando o caminho a ser trilhado e essa certeza nos conforta”, concluiu.



Sustentabilidade: o que pensam os europeus

• Por Coriolano Xavier*

Pesquisa feita recentemente na Europa, por empresa do grupo Financial Times (Longitude), investigou como andam as percepções dos consumidores e agricultores sobre alimentos produzidos de forma sustentável. O trabalho apoiou-se em um levantamento com 2.500 consumidores e 600 produtores/gestores agrícolas, em sete países, de leste a oeste do continente europeu. O estudo (“Sistema Alimentar Sustentável”) foi iniciativa da Corteva europeia e apontou que a produção alimentar exigirá mais ciência e mais sustentabilidade no futuro, em resposta às visões da sociedade sobre alimentação, saúde e bem-estar.

Quanto mais as pessoas tornam-se conscientes do impacto que os alimentos podem ter sobre a saúde e a prevenção de doenças advindas do estilo de vida contemporâneo, mais vão dirigir suas escolhas alimentares nessa direção. Na pesquisa, 75% dos consumidores disseram acreditar (totalmente ou em parte) que “comprar alimento produzido de forma sustentável contribui para sua saúde e bem-estar”. Apenas 8% discordaram dessa afirmação e 17% não souberam responder. Na mente dos europeus, portanto, parece ter se estabelecido um elo claro entre produção sustentável, saúde e bem-estar.

Certamente o sabor continuará soberano na escolha dos alimentos, bem como aspectos nutricionais para os mais exigentes. Mas quando se trata de sustentabilidade, quais os critérios que balizam os consumidores? Segundo o estudo, metade (51%) diz evitar alimentos produzidos com insumos sintéticos, também metade (48%) fala em opções que reduzam o desperdício de alimentos e outros 35% mencionam relacionamento justo com a comunidade e os pequenos produtores. A percepção de sustentável, pelo visto, vai além dos fatores agronômicos de produção e tem uma dimensão simbólica ampliada. As cadeias produtivas do agro parecem estar hoje sob exame dos consumidores, que querem alinhá-las com o que acreditam ser os melhores padrões de sustentabilidade. Assim, do agricultor à indústria de alimentos e supermercados, é preciso estar consciente desses ventos de mudança e de que pode estar vindo uma revolução

do alimento, liderada por pessoas que acreditam querer o melhor, com mais sustentabilidade e com produtos autênticos. É uma energia cultural ponderável, tanto que boa fatia dos produtores europeus está convencida de que o atual sistema de produção precisa mudar e inovar, segundo mostra a pesquisa. Sob pressões ambientais ou de consumo, diretas ou através das cadeias produtivas, os produtores buscam de modo crescente práticas sustentáveis de produção. Percebem que devem produzir de um jeito mais eficiente, com mais qualidade e menor impacto ambiental, mas que os formuladores de políticas agrícolas não estão ajudando nesse desafio, que também é oportunidade. Aliás, quando questionados sobre os maiores desafios para seus negócios, 33% dos agricultores europeus apontam para as políticas agrícolas desfavoráveis. Logo depois, com 27% de menções, aparece “a mudança na demanda dos consumidores”.

Embora tenham a percepção de que enfrentam escolhas difíceis e de que nem todo santo ajuda, os agricultores parecem reconhecer o imperativo de se buscar soluções sustentáveis. De acordo com a pesquisa, abordagens pró-sustentabilidade estão em alta entre produtores europeus - como agricultura de precisão, qualidade do solo, redução da pegada de carbono nas fazendas, gestão ambiental de resíduos, redução de produtos sintéticos e conservação de água. Práticas que já são conduzidas por 20% a 30% dos entrevistados, segundo declaram, e atingem o nível de 50% de adoção, se o horizonte é de dois anos para frente.



***Coriolano Xavier é membro do Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS) e Professor da ESPM**

2020 PRÓXIMOS EVENTOS

INSCRIÇÕES ABERTAS

O **DATAGRO CONFERENCES**, o maior centro de relacionamento do agronegócio mundial. Com conteúdo exclusivo que trazem experiências transformadoras, os eventos são excelentes ambientes para networking com os principais representantes do mercado, entre líderes empresariais, academia e autoridades governamentais.



ABERTURA DE SAFRA
CANA, AÇÚCAR E ETANOL
2020/21

**11 DE MARÇO
2020**

RIBEIRÃO PRETO
TAIWAN CENTRO
DE EVENTOS



**SANTANDER
ISO DATAGRO
NY SUGAR & ETHANOL
CONFERENCE 2020**

**13 DE MAIO
2020**

NOVA YORK
482
PARK AVENUE



**GLOBAL
AGRIBUSINESS
FORUM 2020**

**20 E 21 DE JULHO
2020**

SÃO PAULO
SHERATON WTC
SÃO PAULO

**XP · DATAGRO
AGRI
FINANCE
BRAZIL**

XP INVESTIMENTOS

DATAGRO

**AGOSTO
2020
SÃO PAULO**



**20ª CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL DATAGRO
SOBRE AÇÚCAR E ETANOL**

**26 E 27 DE OUTUBRO
2020**

SÃO PAULO
HOTEL GRAND HYATT
SÃO PAULO



     /datagro

**PLANTE SUA MARCA EM GRANDES EVENTOS
DO AGRONEGÓCIO MUNDIAL!**
Plante sua marca no **DATAGRO Conferences!**

CONFERENCES.DATAGRO.COM
CONFERENCIA@DATAGRO.COM
+55 (11) 4133.3944

VOCÊ NUNCA ESQUECE QUEM ESTÁ SEMPRE AO SEU LADO —

STIHL É TOP LIST RURAL 2019
NAS CATEGORIAS MOTOSSERRA
E ROÇADEIRA.

Todas as nossas ferramentas são feitas pra quem faz. Quem faz a diferença no campo, na cidade e onde estiver. Quem faz tudo com vontade, persistência e determinação. Gente que faz. E que nos faz sentir muito orgulho por estar sempre entre suas marcas preferidas. A todos, o nosso muito obrigado pelo reconhecimento.



WWW.STIHL.COM.BR

